

F 11



UNIÃO IMEDIATA PARA ESMAGAR O FASCISMO!

A intervenção do fascismo em Espanha está definitivamente posta a nu.

Desmascarado pelas irrefutáveis provas apresentadas pelo governo da Espanha republicana e pela imprensa de todo o mundo, o fascismo compreendeu a impossibilidade de esconder o seu jogo.

Então, com o maior despiante desta vida, o fascismo, em côro, passou a descrever as suas próprias façanhas em território espanhol, proclamando alto e bom som que combateu em Espanha e continuará até ao esmagamento completo da Democracia.

O próprio Mussolini, em artigos escritos por seu punho e publicados no jornal «Popolo d'Italia», afirmou: A ITALIA FASCISTA NAO FOI NEUTRA MAS COMBATEU, POR ISSO TERA' A VITORIA.»

OS MORTOS DE GUADAJARA — disse também Mussolini — SERAO VINGADOS.»

Por seu lado, o governo português condecora com grande pompa os oficiais mortos na guerra de Espanha, dizendo a respeito deles que «SOBERAM PROVAR QUE PORTUGAL NAO MORREU.»

Discurso de Raúl Esteves no funeral do tenente Afonso Barros, morto na frente de Madrid!

Pela boca do próprio fascismo tem o povo português a confirmação de que a guerra que se trava em Espanha não é simplesmente a guerra dum grupo de generais traidores contra a população laboriosa do país vizinho. A guerra de Espanha é a guerra da Alemanha e da Itália, apoiados pelo governo de Salazar, contra o povo espanhol que se bate pela Liberdade e pela sua Independência.

E falso que a Alemanha e a Itália se batam pela «defesa da civilização» como o fascismo quiz fazer crer.

A Alemanha e a Itália batem-se exclusivamente para conquistar as riquezas do solo e do sub-solo da Espanha.

O fascismo já nem tenta escondê-lo. O «Diário de Notícias» de 22 p. p., num artigo de fundo intitulado «A ESPANHIA SANGRENTE E DOIRADA» afirma que «outros interesses vitais justificam a atitude dos dois Estados que reconheceram o governo de Franco» (A Alemanha e a Itália).

«A Alemanha e a Itália — continua o mesmo artigo — países pobres em matérias primas essenciais à sua PREPARAÇÃO PARA A GUERRA PROCURAM NA IMENSA RI-

QUEZA DO SUB-SOLO ESPANHOL... TUDO O QUE LHES FALTA PARA ASSEGURAR A SUA FORÇA...»

A Alemanha e a Itália, querem apoderar-se, como o artigo diz em continuação, do ferro de Bilbao e de Santander; do chumbo de Cartagena, Jaen, etc.; do mercúrio de Almaden para «acabarem com a concorrência» para estabelecerem «verdadeiros monopólios» e para se «assegurarem o pleno domínio

de produtos essenciais às indústrias de guerra».

Isto é muito claro. A Alemanha e a Itália praticam em Espanha uma guerra imperialista para se apoderarem das riquezas do solo espanhol e para se prepararem para a guerra.

O triunfo do fascismo alemão e italiano em Espanha, não significaria, portanto, para nós, apenas o reforçamento da exploração do terror; o triunfo do fascismo signi-

ficaria, igualmente, a conquista de Portugal por aqueles países cuja ambição é insaciável.

Mas, acima de tudo, o triunfo ou o simples reforçamento da Alemanha e da Itália, obtido, mesmo por vitórias parciais, significa o perigo iminente da guerra.

Cada palmo de terreno espanhol conquistado pela Alemanha e pela Itália é cada palmo que o mundo rola para o abismo à beira do qual se mostra já.

MILAGRES FASCISTAS...

Acaba de ser publicado o relatório das contas públicas no ano de 1936. A nós, povo laborioso, não interessa como elemento de apreciação da obra nefasta de Salazar, saber se há ou não SUPERAVIT ou DEFICIT. Sabemos muito bem como se obtém esses «superavit» e nada nos admira o facto de, tendo as receitas públicas anuais aumentado de 1.307.287 contos em 1925-26 para à roda de 2.000.000 de contos em que andam há quasi dez anos, não existir hoje déficeit. Milagres desta forma chamam-se extorsões ao povo, expoliação da Nação.

Não nos são indiferentes as contas da Nação. Mas o que teria valor de considerar seriam os aumentos de receita que representassem maior riqueza pública, as diminuições das despesas parasitárias. Isso sim, interessaria um pouco aos trabalhadores.

Aumento de despesas parasitárias, inúteis e criminosas como as da preparação da guerra civil e internacional, aumentos de receitas à custa da maior miséria do povo português... que nos merecem tais «processos» de administração sendo a mais veemente repulsa!

Mesmo sob o ponto de vista financeiro burguês, essa «administração» nada é do que quer ser.

Fala-se na diminuição da dívida pública e, contudo, se a analisarmos vemos que à excepção da flutuante que desapareceu (o que é uma parcela da quantidade de milhões de contos obtidos a mais nas extorsões de Salazar) a dívida pública aumentou!

Em 30 de Junho de 1928, a dívida consolidada era, segundo o relatório presente, de 795.103 contos; em 31 de Dezembro de 1936 era de 2.641.421.

A amortizável interna era nas mesmas datas 1.647.627 e 1.289.406.

A amortizável externa era, ainda nos mesmos anos, 3.040.176 e 3.244.693.

Quero dizer, em 1928 a dívida era de: 54.2908; em 1936 era de 7.175.510 ou seja mais 1.772.602. Se deduzirmos os saldos credores de 1936, ou seja 681.276, verifica-se que a dívida aumentou no período de 1928 a 1936 741.326 contos.

Sintetizando: em 8 anos, Salazar arrancou à miséria do povo português mais 4 milhões acima do que antes o povo pagava ao Estado. Aumentou os efectivos reais da dívida não flutuante (segundo os seus relatórios) em 741.000 contos.

Eis o grande milagre financeiro.

Entretanto, o relatório dá-nos umas indicações preciosas.

Por elas se vê até que ponto vai a fúria expoliadora de Salazar e seu bando.

Apesar de tudo indicar que a Nação suporta com dificuldade os tributos que lhe são impostos, Salazar conseguiu arrancar à Nação mais 110 mil contos do que a receita orçada.

Vejamos como conseguiu esse aumento. Os impostos directos aumentaram 22.590 contos. Não podemos analisar estes. Não se nos diz quais impostos deram maior receita. Agora o que sabemos é que para esses 110.000 contos contribuíram os impostos indirectos, aqueles que paga o povo ao seu consumo diário, com a verba de 60.500. Porque não os obteve Salazar com o aumento do imposto sobre as grandes fortunas, os grandes rendimentos e as grandes heranças?

Na resposta a esta pergunta está a condenação do miserável sistema que Salazar impõe ao povo português.

Povo português

Sobre nós pairam os maiores de todos os flagelos: A GUERRA E A ESCRAVIZAÇÃO TOTAL, ABSOLUTA.

Dia a dia os vemos mais perto de nós. Dia a dia a liberdade e a vida dos nossos filhos, da nossa juventude, de todo o nosso povo se sente mais ameaçada.

Mas ainda é tempo de conjurar o mal. Ainda é tempo de fazer retroceder o fascismo e de nos salvarmos.

Ainda é tempo — se não perdermos mais um único minuto que seja.

Comecemos imediatamente a luta e triunfaremos!

Camaradas anarquistas, ponde de parte todas as hesitações e espreitai as mãos que vos estendem os vossos irmãos de luta comunistas e sem partido. Forjai com eles, nos locais de trabalho e em toda a parte a frente-única para lutar contra a ofensiva do Capital, contra a guerra e contra o fascismo.

Camaradas da CGT: não percais mais tempo; organizai imediatamente com a CIS e com os sindicatos autónomos a FRENTE ÚNICA PROLETÁRIA para auxílio ao povo espanhol e para lutar contra o fascismo e contra a guerra. Constituí imediatamente o comité coordenador da actividade das organizações sindicais.

TRABALHADORES PORTUGUESES, ANTI-FASCISTAS!

Mobilizai todos os vossos esforços para lutar contra o governo de traição nacional de Salazar que quer levar Portugal à ruína e à catástrofe.

Lutai, nas fábricas, nos campos e em toda a parte, pelos vossos interesses económicos e sociais. Creareis em todo o país o movimento que, como uma avalanche invencível, derrubará o fascismo.

Lutemos com todas as nossas forças contra a intervenção do fascismo em Espanha e pelo auxílio ao povo espanhol que se bate pela Liberdade e pela Paz.



COMO VIVEM OS TRABALHADORES

(COLABORAÇÃO DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

NA FÁBRICA PORTUGAL

A «Fábrica Portugal Lda.», apesar de ser uma empresa industrial que se faz passar por «moderna», oferece as mais abomináveis condições aos operários que ali trabalham.

As várias secções em que se encontra dividida a fábrica são constituídas por dependências que mais parecem p-cilgas do que oficinas. As janelas com vidros partidos; a iluminação é insuficiente e durante o Inverno, após a jornada de trabalho, todos os operários têm a vista bastante cansada.

O refeitório encontra-se instalado em péssimas condições higiénicas sendo mesmo uma vergonha dar-se-lhe aquele nome. As mesas são cobertas com jornais, o chão está constantemente sujo e como a casa é de dimensões acanhadas se não quiserem comer por cima uns dos outros, terão que vir para as tabernas ou para os passeios fronteiriços à fábrica onde sofrem as perseguições da policia de giro que os faz retirar por estarem impedindo o trânsito.

As reretes são, também, imundíssimas havendo um mau cheiro tão penetrante que é impossível a aproximação sem sentir-se um extrema repugnância, pelo facto da água destinada à limpeza ser economizada como se fosse azeite.

Os tanques onde os operários se lavam são lavados com a mesma vassoura que varro a rerete, de modo que já alguns camaradas têm sentido infecções na vista.

Os salários dos operários estão em relação com estas horríveis condições de trabalho.

Há jovens de 18 a 22 anos que recebem a ridícula soma de 4\$00 e 6\$40. Os operários adultos ganham 10\$00.

Como pode um operário que tenha mulher e filhos, viver com 10\$00? No entanto um funcionário superior da fábrica a quem um operário foi pedir aumento de salário, respondeu que 10\$00 era um salário MUITO BOM.

Vejam, camaradas, como estes patifes nós escarnecem!

Para pagar aos operários que arrastam uma vida de fome e s-tuberculizam, NAO TEM DINHEIRO mas para uma subscrição destinada aos rebeldes espanhóis não hesitaram em dar 20 contos.

Camaradas! Não deixemos que nos explorem numa forma tão atroz.

Unamo-nos e lutemos pela melhoria das nossas condições de vida.

Lutemos pelo nosso Pão e pelo Pão dos nossos filhos!

Amigos do Partido

69	5\$00
P. X.	2\$50
A. Z antorone	2\$50
José Magne	2\$50
H. Cruz	20\$00
Zé Moldista	5\$00
Portugueses residentes em Paris	100\$00
De Santarém (para transmitir ao S.V.L.)	105\$00
Total	242\$50

O GOVERNO CIVIL VISTO POR DENTRO

Camaradas do nosso baluarte Avante. Vou relatar-vos alguns casos revoltantes que se passam nesta cadeia. Há tempo deu entrada no calabouço desta bastilha do Estado Novo um individuo chamado Francisco Joaquim da Silva que veio de «Tanger» a bordo do navio de guerra «Vouga» (salvo erro) chegado ao Tejo nesse mesmo dia afim de fazer operação ao estomago. Não há palavras que possam descrever o estado desse homem, basta dizer que não tinha posição que aliviasse os seus sofrimentos; sem respeito pelo seu estado foi metido nesta bastilha-ANTRÓPO MORTÉ onde nem animais racionais poderiam viver, quanto mais seres humanos.

Valeu-lhe a existência de algumas camaradas comunistas e de variopanti-fascistas que lhe cederam parte da sua razão de leue (que muitas ves vem azêdo) e procuraram proporcionar-lhe o maior conforto possível; assim esteve até ao outro dia de manhã. Isto aqui não é mais do que um depósito de carne humana porque foi feito para 12 homens e tem presentemente 35, o que não acontece apenas neste

calabouço mas em todos.

Outro caso não menos bárbaro acontece com um garoto chamado Lénine da Costa, morador no Campo de Santana, n.º 7.

Este pequeno que saía do cinema da Mouraria subiu para o estribado dum eléctrico afim de falar a duas primas que casualmente vira e como o condutor lhe perguntasse se tinha dinheiro e o garoto lhe respondeu negativamente, foi agarrado e entregue ao policia de giro que o levou à esquadra da Mouraria. Depois das perguntas da praxe, o garoto deu o seu nome. Poi pelo único facto da criança se chamar Lénine, de que nem sequer era culpado, trataram de o remeter para o baluarte fascista do Estado Novo a que dão o nome de Governo Civil.

Vejam, camaradas, qual é a instrução e educação que o Estado fascista dá à juventude. E' atirando com essa criança para este antro onde se encontram presos de toda a espécie que o Estado Novo pretende educá-la!

Um prêso comunita a no Governo Civil.

Para melhorar o «Avante»

Enche nos de profunda alegria o acolhimento que o nosso jornal encontra nas fábricas, nos campis e em toda a parte onde existem explorados e oprimidos, acolhimento êsse que se manifesta, so' retido, no aumento incessante da nossa tiragem e no auxilio que recebemos.

Sentimos o orgulho de ser a única organização que, sem se poupar a esforços de nenhuma ordem, mantém um semanário ilegal.

Mas nós não estamos ainda satisfeitos com o nosso trabalho. O «AVANTE» precisa de melhorar.

O «AVANTE!» precisa de corresponder, no mais alto grau, aos desejos e às aspirações dos trabalhadores portugueses.

Para isso é indispensável que todos os nossos leitores nos comuniquem as suas opiniões sobre o «AVANTE!» e nos digam como queriam que êle fôsse, tendo em conta, claro as condições em que êle se publica.

Pedimos, portanto, que todos respondam a êste:

INQUÉRITO DO «AVANTE!»

Que pensas do «Avante!»?

Achas que êle se ocupa dos problemas fundamentais do nosso país? Quais dêsses problemas descurou ou tem descurado?

Encontras no «Avante!», a propósito de cada caso importante: uma palavra de ordem, um conselho, uma indicação que orientem a tua luta?

Em que casos, precisamente, não encontraste no «Avante!» a orientação de que carecias para agir?

Concordas com a linha política expressa no «Avante!»? A respeito de que assunto se manifesta o teu desacôrdo e porquê?

Que pensas da maneira como são redigidos os artigos? São suficientemente claros? A sua linguagem é simples?

De que artigo tens gostado mais nos últimos tempos? De qual tens gostado menos? Porquê?

Achas que o problema espanhol tem sido tratado com a linguagem m que o espaço permite?

Que pensas da página dedicada à correspondência das fábricas?

Como melhorar o «Avante!»?

De que problemas se deve ocupar o nosso jornal com frequência?

Que pensas que é possível fazer para tornar o jornal mais atraente e mais compreensível para as largas massas de operários e camponeses?

Que se deve fazer para alargar a difusão do jornal?

De que maneira pretendes contribuir para melhorar e assegurar a existência do «AVANTE!»

Comunistas: informai vos junto dos trabalhadores com quem conviveis, acerca das suas opiniões a respeito dêste inquérito e escrevei-nos.

ABAIXO A TIRANIA RELIGIOSA

Carvoeira 30 de Maio (Torres Vedras) —Realizou-se hoje nesta freguesia a colocação dos crucifixos nas 2 escolas. Houve missa, a que assistiram os alunos, rezando e cantando em côro «Queremos Deus».

Depois com o Padre e Professora à frente, saiu a procissão formada pelas crianças, que se dirigiu à Escola masculina, onde se efectuou a seguinte solenidade.

Falou o prior, e em seguida o Professor, em algumas palavras, exaltando a figura de Jesus, Cristo e Deus.

«O Crucifixo, meus meninos, é o simbolo de Jesus, representa a mais linda religião». «Porque o não havemos de conservar na Escola?» disse o professor. O Sr. Ministro da educação ordenou que o colocássemos na sala da aula, para todos, mais de perto o poderem adorar; assim fizemos hoje, afirmou o Professor gritando Cristo, Chamando-lhe Rei dos Reis, che e Supremo!

As crianças acabaram recitando poesias religiosas e entoando cânticos e no final deram 3 vivas a Jesus, a Cristo e a Portugal!

Camaradas! Atenta! bem nisto! A Reacção toma conta dos cérebros dos nossos filhos!

A Igreja de mãos dadas com a Escola, tomou conta da educação. Não é só o Padre que ensina o catecismo, é já também o professor que entoa hinos religiosos e que ensina às pobres criancinhas a Doutrina de Cristo!

Vêde camaradas, não consentei que vossos filhos sofram a influência da Igreja!

Não deixai que o professor lhes ensine o catecismo! Reagi!

Camaradas, uni-vos e lutai pelo derrubamento da Ditadura que de conluio com a Igreja se esforça por deformar o cérebro da Juventude.

Unidos na Frente Popular Portuguesa nós venceremos!

Em Alhandra

É em extremo revoltante a exploração e as humilhações a que estão sujeitos mulheres e crianças que trabalham na Sociedade Textil do Sul da qual é director um tal Horta.

Este bandido ordena aos chefes das oficinas que castiguem as «faltas» cometidas pelos operários com «uma ou duas bofetadas».

Se as raparigas, na hora do descanso, forem vistas de braço, no recinto da fábrica, são imediatamente punidas com 1 ou 2 dias de suspensão.

Se os operários falam uns com os outros a respeito do mais pequeno assunto são igualmente castigados.

Este bandido por tudo pega.

Se uma operária vai à rerete mais do que uma vez ou duas vezes é suficiente para ser castigada.

Não contente com a exploração que exerce, êste bandido obriga as

A LEGIÃO E O EXERCITO

Falámos há pouco com um categorizado legionário acerca da Legião Portuguesa e do «éxito da parada do 28 de Maio».

Babado de estúpido gôso, respondeu-me que se tinha conseguido um milagre e que o exército tinha ficado a perder-se de vista pois nunca nas suas paradas tinha conseguido apresentar-se tão garboso, asseado, bem fardado e calçado.

Aproveitando o seu entusiasmo disparei-lhe:

— Ficamos então com dois autênticos exércitos, não é verdade?

Sorriu e enigmáticamente respondeu:

— Até ver, até ver...

— Então, depois de um tão grande esforço dissolvem a Legião?...

— Não! Isso nunca; o que não se justifica é a existência de dois exércitos num país tão pequeno. As rivalidades já tomam vulto, em grande parte provocadas por nós, tornando-se, assim, a situação insustentável.

— Que pensam, pois?

— Você compreende que o velho exército (já lhe chamam velhinho) além de estar cheio de elementos que não merecem a confiança da Ditadura (como eles o reconhecem...) custa rios de dinheiro e Salazar que quer, embora a custos dos maiores sacrifícios, equilibrar o orçamento, terá que reduzi-lo a uma força mínima, quasi eliminá-lo, não só por uma medida de economia mas, sobretudo, por um instintivo meio de defesa e conservação. E' para isso que nós cá estamos. Na hora própria aparecemos e tomaremos o seu lugar com a perfeita noção da responsabilidade que nos impomos (sic)

Pasmei... Pasmei ante tão grande ousadia e tão grande descaramento...

O exército que arma e adentra a Legião não terá ainda compreendido que esta se prepara para o estaquear pelas costas?

E que faz para o evitar?

Se os oficiais se conformam, os argentos, de tão liberais tradições, devem levantar a cabeça e bater o pé.

Quando o fizerdes, nós o povo, estaremos convosco de alma e coração.

Depois de leres este jornal não o destruas. Dá-o ou envia-o pelo correio, preferindo os pontos onde a nossa propaganda mais difficilmente penetra.

Envia-o a um catolico, a um legionário iludido ou a um militar.

Assim cumprirás com o dever de anti-fascista.

operárias, depois de terminado o trabalho, a ouvir uma preleção que Sua Excelencia faz sobre a disciplina e o mais que lhe apetece dizer.

E tudo isto uma mulher é obrigada a consentir para receber uma miséria de 25\$00 por semana, quando não é apenas 8\$00 ou 9\$10. Os jovens não ganham mais de 2\$50 por dia.

Camaradas: não consistamos que nos ponham os pés em cima do peçoço.

Unamo-nos e lutemos pelos nossos direitos. O Partido Comunista, defensor de todos os explorados, orientar-nos-á.

A U.R.S.S. E A GUERRA DA ESPANHA

A «Batalha» no n.º 9, de Junho, referindo-se, numa pequena local, ao bombardeamento de Almeria, afirmou que «a própria U.R.S.S. colabora com a sua tibieza» na monstruosa obra de «estrangulamento do proletariado espanhol».

Não respondemos para evitar polémicas. Sucede, porém, que depois da saída da «Batalha» e sobretudo após a queda de Bilbao começou a levantar-se em certos sectores uma autêntica campanha de calúnias contra a U.R.S.S., atribuindo-lhe a responsabilidade de quantos desaires militares tem sofrido a República Espanhola. A uma tal campanha não podíamos deixar de responder, por muito boa vontade que tenhamos de não turvar o ambiente de unidade que fomos os primeiros a eriar.

Toda a gente sabe que a U.R.S.S. tem sido o grande, o fundamental apoio da Espanha Republicana na guerra que ela move contra o fascismo assassino. Quem o ignora que leia a imprensa fascista, que leia o «Livro Vermelho» alemão, de que a imprensa fez transcrições, que se esforce por compreender o motivo dos ataques constantes que a reacção de todo o mundo dirige contra a União Soviética a propósito da guerra de Espanha. Se estivéssemos em Espanha, poderíamos dizer como o camarada Anton, inspector de comiários da frente do centro, disse, há pouco, num comício efectuado em Madrid: «Ice às trincheiras. Vêde, falai com os combatentes. Ficareis sabendo se a ajuda da União Soviética vale pouco ou vale muito».

O dr. Negrin, presidente do governo legitimo da Espanha, afirmou logo após o bombardeamento de Almeria: A U.R.S.S. DESDE O COMEÇO DA GUERRA SEMPRE AJUDOU A ESPANHA.

Existe alguém no nosso país com autoridade e conhecimento de causa sufficiente para desmentir estas afirmações dos que se encontram na Espanha à frente da luta?

Esse alguém que medite no seguinte:

Como ponde a República Espanhola, que no começo da guerra não tinha nem artilharia, nem aviação, nem forças motorizadas, nem quadros, resistir a coligação do fascismo internacional, infligindo-lhe, mesmo, derrotas como a do Guadalajara? Sem dúvida que o heroísmo do povo espanhol tem produzido autênticos milagres. Mas ninguém ignora que numa guerra moderna o heroísmo, sem tanques, sem aviões e sem canhões, não basta para triunfar.

Por outro lado, todos conhecem a atitude da União Soviética no Comité de Não-Intervenção. Só a União Soviética ai tem mantido uma posição firme e enérgica, embora a sua voz seja a única que af se faz ouvir em defesa do povo espanhol. Porventura quem acompanhe as discussões de Londres e de Genebra pode acusar a U.R.S.S. de não ter ajudado?

Há pessoas que entendem que a União Soviética devia declarar a guerra à Alemanha e à Itália para as obrigarem a desistir da sua política intervencionista. Afirmações desta natureza só revelam a puerilidade política de quem as faz.

Ora ninguém desconhece que o capitalismo mundial prepara há muito tempo a guerra contra a U.R.S.S.. A Alemanha, o Japão e a Itália armam-se intensivamente para esse fim e procuram avidamente o mais pequeno pretexto que lhe possa dar origem. A U.R.S.S., por que tem necessidade da Paz para se desenvolver, para assegurar a felicidade dos povos que a constituem, para se reforçar e para poupar a Humanidade a uma nova carnefina, tem evitado, com um sangue frio enorme, responder a todas as provocações.

Pois na opinião dessas pessoas a U.R.S.S., não só não deve continuar a pôr a sua potência ao serviço da Paz como, pelo contrário, deve provocar a guerra. Seria isto sério?

A Espanha e a Europa inteira estariam menos expostas ao perigo do fascismo se a U.R.S.S. fôsse obrigada a conduzir uma guerra aberta contra a Alemanha, a Itália e o Japão e contra todo o Capitalismo? E quem ajudaria depois a U.R.S.S. a defender-se da coligação do fascismo e do capitalismo mundial, numa guerra provocada, embora só aparentemente, pela U.R.S.S.?

Seríamos nós, os trabalhadores portugueses? Nós, o proletariado mundial?

Sem dúvida que nós daremos o nosso sangue por defender a Patria do Socialismo. Mas se estamos na disposição de tudo fazer por defender a U.R.S.S., se ela for atacada, porque não mobilizamos já todos os esforços para ajudarmos a Espanha Republicana que está já sendo atacada?

Se em vez de esperarmos, sebastianicamente, que os outros, sózinhos, façam tudo, para que possamos descansar, se em vez disso nós próprios ajudássemos em atos e não em palavras a Espanha Republicana — talvez que a situação fôsse outra.

Todos sabemos que é por Portugal que passa o grosso das provisões para Franco. E que fazem por evitá-lo os que levantam as campanhas contra a U.R.S.S.?

Deixemo-nos de palavreado e vamos a acções concretas.

O Partido Comunista e a Comissão Inter-Sindical tem dirigido apêllos práticos, concretos, a C.G.T. para o estabelecimento da Frente Única entre os organismos sindicais para estabelecer o auxílio ao povo espanhol.

Por que espera a C.G.T. para materializar estas propostas?

Que grandes dificuldades ideológicas, técnicas ou de qualquer ordem é preciso vencer para se nomear um Comité composto por delegados de cada organismo sindical; para se publicar em nome de todas e essas organizações um apêlo ao povo português; para se organizarem em comum subscrições nas fábricas; e para se resolver em comum que medidas se podem e devem tomar para impedir a intervenção do fascismo em Espanha?

Que se espera para fazer isto? E é disto que o povo espanhol carece. O resto são cautigas...

Oriemos um amplo movimento de solidariedade

A solidariedade moral e material aos que caem nas garras da reacção, a ajuda às suas famílias e aos que são perseguidos ferozmente pela sua actividade anti-fascista, constitui um dos mais sagrados deveres do povo trabalhador.

Mas ao mesmo tempo que é um dever sagrado, a solidariedade constitui uma das mais potentes armas que o povo trabalhador pode empenhar na luta pela sua libertação.

Quanto combatentes não viriam ocupar os seus postos nas primeiras linhas de fogo se tivessem a certeza de que não deixaríamos morrer de fome e de frio os seus entes queridos?

Organizar a solidariedade significa, portanto, assegurar a permanência nas primeiras linhas dum exército numeroso e forte. Por conseguinte, a nossa preocupação fundamental ao organizar um movimento de solidariedade deve ser que ele satisfaça, acima de tudo, os seus objectivos directos, isto é, que preste uma ajuda real, prática e palpável às vítimas do fascismo.

Neste caso, interessa-nos muito mais que dezenas e centenas de milhares de pessoas auxiliem praticamente os presos e suas famílias — mesmo que o façam apenas por sentimentos humanitários — do que termos uma organização ilegal dum escasso milhares de anti-fascistas que auxiliam as vítimas do fascismo dum a forma bastante insignificante.

Isto significa que em cerrarmos todas as formas de solidariedade nos domínios estreitos duma organização ilegal, chamem-se essa organização Socorro Vermelho ou o que for, devemos pelo contrário fazer com que essas organizações percam o seu caracter ilegal e se identifiquem com as organizações ou formas legais ou semi-legais de actividade, através das quais a solidariedade possa manifestar-se.

O Socorro Vermelho, por exemplo, foi durante muito tempo uma organização ilegal composta por filiados que pagavam as suas cotas, que se reuniam em núcleos, etc., quasi um Partido ilegal. As receitas provenientes das coizações eram inevitavelmente limitadas e o facto de ser membro do Socorro Vermelho acarretava quasi os mesmos perigos do que ser-se membro dum Partido político ilegal.

O Socorro Vermelho deve ser algo de muito diferente.

A sociedade x, o grupo de amigos de fulano, os camaradas de trabalho de sicrano, etc., auxiliam muito naturalmente a, b ou c, que está preso, ou a suas famílias. Pois bem, o Socorro Vermelho, ou melhor a «Cruz Vermelha» do anti-fascismo está aí — é isso mesmo.

Os operários da fábrica x levam a efeito as «démarches» necessárias para libertarem um camarada preso. E isso é agir dentro do espírito e dos objectivos da «Cruz Vermelha» do anti-fascismo.

É desta maneira que o Partido Comunista compreende a realização dum amplo movimento de solidariedade, porque só desta maneira conseguiremos mobilizar as mais largas massas do povo português para a grande obra de ajuda a TODAS AS VITIMAS DO FASCISMO.



OS TRIUNFOS DA UNIÃO SOVIÉTICA

Não intervenção...

Vindos de terras da Espanha fascista, chegou há dias a Lisboa um numeroso grupo de oficiais portugueses das armas de Engenharia e Artilharia que ali estiveram durante três meses ao serviço de Franco.

A actividade destes oficiais foi das mais importantes. Tomaram parte nos vários bombardeamentos a Madrid, Málaga e na frente da Biscaia e tanto se empenharam no cumprimento dos seus deveres ao fascismo espanhol que foram muito felicitados e remunerados!

Fizeram parte, como chefes desta «honrosa» missão, o já celeberrimo Raul Esteves, a quem a República Portuguesa elevou confidando-lhe cargos de responsabilidade e que Raul Esteves «gratissimo atraçou sempre que pôde, e um tal capitão Crujeiro de Carvalho, de artilharia, trazendo este, como recordação do serviço prestado à Espanha fascista, uma metralhadora que diz ser de fabrico russo, eutretendo-se agora a experimentá-la no Forte da Ameixoeira, unidade onde este «glorioso» capitão presta serviço.

E' assim que o governo de Salazar respeita os seus compromissos de não-intervenção. E' assim que o governo de Salazar procura ajudar os ambiciosos generais fascistas que desejam uma Espanha una, uma Espanha grande, tão grande que entre por Portugal dentro afim de satisfazer as velhas ambições de Afonso XIII que sendo rei não queria ser só do Espanha mas sim da Península. O desejo não teve nessa época oportunidade em realizar-se, mas ainda em Espanha quem se lembra de D. Afonso X Salazar, se consigna o que não foi possível nessa «casá»!

Ainda deve estar na memória daqueles que pugnam pela independencia de Portugal, a célebre frase de certos «patriotas»:

«Antes Afonso XIII do que Afonso Costa!»

EXIJAMOS A LIBERTAÇÃO DOS CAMARADAS ESPANHÓIS

Os jornais noticiam que foram presos alguns camaradas espanhóis que tentaram fugir da Espanha fascista a bordo da traineira «Avion».

Sobre esses camaradas pesa a enorme ameaça de serem entregues pela policia portuguesa ao bandido Franco — o que significa o seu fuzilamento.

E' indispensável exigir das embaixadas francesa e inglesa que empreguem os esforços necessários para que esses camaradas sejam libertados e postos num país democratico donde possam transitar para a Espanha republicana.

E' preciso, tambem, prestar toda a solidariedade ao camarada que se encontra ainda fuzido para que este não caia nas garras da policia.

LISTA DE PREÇOS

Te. M.	150
Telefone	150
Comarada	250
Peça Liberdade	1000
Revoltado	150
Um trabalhador	150
A. Na.	250
Um revo tado	150
Um avançado	250
Total Esc.	2000

No dia 25 p.p. regressaram a Moscovo os 4 aviões da expedição soviética que, como noticiámos, havia chegado ao Polo-Norte no dia 21 de Maio último.

4 membros desta expedição ficaram, contudo, no Polo, onde permanecerão durante um ano para procederem a trabalhos de investigação científica de grande importância.

A maneira como foi realizada esta expedição que oferecia dificuldades que até agora ninguém tinha conseguido vencer, prova os méritos incomparáveis da aviação soviética que tem demonstrado possuir os melhores quadros, o melhor material e a melhor organização aeronáutica do mundo.

O raid aéreo de MOSCOVO a VANCOUVER (na América do Norte) através do Polo, de que demos notícia no último número do «Avante!», é igualmente uma prova admirável do valor da aviação soviética.

Depois da realização deste voo — ao qual a imprensa de todo o mundo tem dedicado uma enorme atenção — o Presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, dirigiu aos aviadores o seguinte telegrama:

«Tomei conhecimento, com o maior prazer, do êxito do voo sem escala Rússia-Estados Unidos. A maestria e a audácia dos 3 aviadores soviéticos que realizaram este facto histórico merece o maior dos elogios...» etc..

Com os seus raids maravilhosos sobre o Polo Norte, alargando os conhecimentos e o poderio da humanidade sobre as forças da natureza, a aviação soviética estabelece o mais edificante contraste com a aviação fascista que só serve para levar a desolação e a morte aos povos que querem viver em Paz e em Liberdade.

E isso é assim porque o fascismo é a guerra enquanto que o SOCIALISMO é a Paz, o Progresso e o bem estar de toda a Humanidade.

Espanha ensanguentada

Da tradução de Artur Koestler «Espanha Ensanguentada» — Artur Koestler o conhecido jornalista inglês, foi o único jornalista liberal que desde o começo da guerra conseguiu chegar a permanecer no Grande Quartel General rebelde em Sevilha — transcrevemos os seguintes trechos:

«O homem que visou o meu passaporte à entrada em Portugal, no porto de Lisboa, vestido de uniforme português, era um espanhol representante da Junta de Burgos.»

«A minha estada no Hotel Aviz, forneceu-me numerosas ocasiões de refinar uma documentação sobre a actividade do Quartel-General rebelde em Portugal.»

«Eis um resumo das minhas observações:»

1.º — O centro rebelde instalado no Hotel Aviz e que deve ser considerado como o verdadeiro quartel general político da insurreição espanhola, estava em ligação com o governo português do qual recebia todo o apoio, tanto oficial como officioso, e foi considerado pelo governo de Salazar como a única representação legal da Espanha.

Este hotel estava ligado por um fio especial com o Estado-Maior de Queipo de Llano, em Sevilha; esta linha era a única que existia entre Sevilha e a capital portuguesa.

2.º — o serviço dos correios entre o exército do sul, do general Franco, e o exército do norte, do general Mola, passava pelo Hotel Aviz;

3.º — os Grandes Bancos de Portugal (Banco de Portugal e Espírito Santo) trocavam por ordem do governo português as pesetas espanholas desvalorizadas ao cambio oficial para o Centro de Aviz

March, se encarregava do financiamento da insurreição; além disso Franco e Robles obtiveram um empréstimo de muitos milhões de pesetas;

4.º — os salvo-condutos, espécie de passaporte em território rebelde, emitidos pelo Centro de Aviz eram reconhecidos pelas autoridades portuguesas como títulos de viagem officiais;

5.º — o Centro de Aviz recrutava voluntários portugueses para os rebeldes, à razão de 12 a 15 pesetas diárias;

6.º — o governo português aprovava o exército de Franco em armas e munições de todo o género; assegurava, ao mesmo tempo, o segredo em volta dos transportes de armas alemãs e italianas que passavam por Portugal, permitindo a officiais espanhóis e portugueses tomar conta directamente das mercadorias transportadas por barcos alemães e italianos, em lugar de as fazer passar pelo controle legal das alfândegas;

7.º — o general Sanjurjo tivera entrevistas em Berlim com Hitler; mas as negociações definitivas entre os conspiradores, os alemães e os agentes italianos tiveram lugar em Alicante e em Lisboa no mês de Junho.

O governo português entregou as autoridades espanholas cidadãos espanhóis que se haviam refugiado em território português.

«Várias vezes, a pedido do Centro de Aviz, refugiados do território rebelde para procurar asilo em Portugal foram levados à fronteira e entregues aos rebeldes. Sobre este assunto tive ocasião depois de depor em Londres ao comité de não-intervenção, apontando factos, no dia 14 de Agosto, quando Badajoz caiu e teve lugar uma das

A CONFISSÃO DE UMA DERROTA

A impronsa fascista especula com a queda do governo Blum pretendendo fazer crer que aquela manobra do reaccionário Senado francês marca o declínio da Frente Popular em França. Por esse motivo, parece-nos oportuno publicar a declaração feita pelo renegado Doriot após a derrota que ele sofreu nas eleições municipais de Saint-Denis:

«Saint-Denis era a única cidadela que resistia à vaga crescente do bolchevismo. Esta cidadela acaba por sua vez de succumbir.

Isto prova — continua Doriot — que o perigo do comunismo, que nós denunciámos sem descanso, é cada vez maior.

Os resultados das eleições de Saint-Denis — conclui o renegado — ultrapassam em muito o terreno local.»

OS JORNAIS

Os jornais, em Portugal, vão custar mais caros. Quando a França, há meses, elevou o preço dos periódicos, a imprensa portuguesa, com aquele espirito francófilo que faz parte do figurino fascista que Portugal copia, actualmente, dava a notícia como prova do desequilíbrio financeiro francês.

Agora a imprensa portuguesa dá como razão do aumento o preço do papel, zinco, etc. que importamos, mas não diz a verdade ou seja que os impostos lançados por Salazar pesam enormemente na balança das publicações e que o ditador não só impôs a limitação do numero de paginas dos jornais (dando como razão o aumento de favor sobre direitos de entrada) como ainda dificulta por todas as formas que se façam publicações.

O papel e as gravuras dos periódicos franceses são indistintamente muito melhores que os dos nossos e os preços, mesmo com os aumentos já feitos, são relativamente muito menores do que os portugueses sem aumento.

Carnefinas mais terríveis da História, os senhores Nicolas de Pablo, deputado socialista, o «Infantino» Madroneiro, «alcalde» de Badajoz, refugiaram-se em Elvas. Foram imediatamente presos e estiveram dois dias na prisão de Campo Maior; no terceiro dia, foram conduzidos à fronteira e entregues aos rebeldes, que os fuzilaram ao quarto dia em Badajoz. Só no dia 21 de Agosto, 31 refugiados foram conduzidos do Forte da Graça em Elvas, onde tinham sido internados, à fronteira, escoltados por um destacamento de cavalaria portuguesa; no dia seguinte, na arca de Badajoz, foram fuzilados a metralhadora. Segue uma longa lista de nomes.

«Aproveitaram a ocasião para se desembarçarem dos seus próprios «vermelhos», cidadãos suspeitos de actividade revolucionária. Em 24 de Agosto, os cidadãos portugueses seguintes foram transportados a Badajoz: Constantino Conceição Branco, António Lourenço Brito, José Cardoso, Carrasco, Armando de Sousa, Pina e Mendonça.»

SÓ UM GOVERNO DE TRAIÇÃO NACIONAL COMO O DE SALAZAR PODIA ENTREGAR OS SEUS PROPRIOS COMPATRIOTAS AOS CARRASCOS E ESTRANGEIROS PARA SEREM EXECUTADOS.